

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO – DEC
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA COM ÁREA DE APROFUNDAMENTO
EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

ANA CLAUDIA BULHÕES DE VASCONCELOS

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
UMA REFLEXÃO COM ALFABETIZADORES EM UMA ESCOLA PÚBLICA NO
MUNICÍPIO DE SOBRADO/PB**

JOÃO PESSOA – PB

2018

ANA CLAUDIA BULHÕES DE VASCONCELOS

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
UMA REFLEXÃO COM ALFABETIZADORES EM UMA ESCOLA PÚBLICA NO
MUNICÍPIO DE SOBRADO/PB**

Monografia apresentada como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia, à banca examinadora do Curso Pedagogia – Área de Aprofundamento em Educação do Campo, Centro de Educação (CE), Campus I da Universidade Federal da Paraíba.

Orientador: Prof. Ms. Luciano de Sousa Silva

JOÃO PESSOA – PB

2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

V331d Vasconcelos, Ana Claudia Bulhoes de.

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS. UMA REFLEXÃO COM ALFABETIZADORES EM UMA ESCOLA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE SOBRADO/PB / Ana Claudia Bulhoes de Vasconcelos. - João Pessoa, 2018.

51 f.

Orientação: Prof Ms Luciano de Sousa Silva.
Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Palavras-chave: Educação. Aprendizagem. Letramento.
I. Silva, Prof Ms Luciano de Sousa. II. Título.

UFPB/BC

ANA CLAUDIA BULHÕES DE VASCONCELOS

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
UMA REFLEXÃO COM ALFABETIZADORES EM UMA ESCOLA PÚBLICA NO
MUNICÍPIO DE SOBRADO/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Pedagogia – Área de Aprofundamento em Educação do Campo da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de LICENCIADA EM PEDAGOGIA.

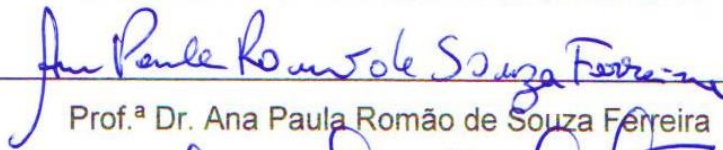
Aprovado em 14 / 06 / 2018

Assinatura do autor: Ana claudia bulhões de Vasconcelos.

APROVADO POR:



Orientador: Prof. MS. Luciano de Sousa Silva



Prof.^a Dr. Ana Paula Romão de Souza Ferreira



Prof. Ms. Lucielio Marinho da Costa

JOÃO PESSOA-PB

2018

Dedico este trabalho ao meu amado avô Severino Paulino de Vasconcelos (in memoriam) por todo incentivo e apoio no início desta caminhada acadêmica.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

Aos meus pais Rosilda Bulhões de Vasconcelos e Rildemberg Henrique de Vasconcelos pelo apoio, incentivo e por todos os ensinamentos proporcionados através de seus esforços em minha educação e formação, amor incondicional.

Meu agradecimento a minha avó Rizolita Henrique de Vasconcelos e as minhas irmãs Anna Celly Bulhões de Vasconcelos e Anna Cristina Bulhões de Vasconcelos por todo incentivo e por compartilharem este momento de alegria comigo.

Às minhas queridas amigas e companheiras de jornada Anna Maria, Djulya, Glaucileide e Micaela muito obrigada pelo incentivo, apoio, força e por todos os momentos vividos durante estes anos de convivência, serão sempre inesquecíveis.

Ao meu namorado Gerson Gomes da Silva Filho, pelo seu companheirismo, motivação, paciência e amor a mim dedicado.

À minha turma de Pedagogia – Aprofundamento em Educação do Campo 2012.1 que mesmo com as diferenças pessoais sempre permaneceu unida, um dando força ao outro. Agradeço os momentos que compartilhamos juntos.

Aos professores do curso Pedagogia – Aprofundamento em Educação do Campo da UFPB que muito me ensinaram nesta jornada e pela contribuição primordial na minha vida acadêmica.

Ao meu orientador Professor Luciano de Sousa Silva, pelas orientações ao longo desta pesquisa, pela paciência, dedicação e ensinamentos disponibilizados a mim na realização deste trabalho. À Professora de Trabalho de Conclusão de Curso Eunice Simões Lins pelo incentivo, apoio e dedicação. Sou grata de coração.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para esta conquista, deixo aqui registrado meu agradecimento.

“O bom professor é aquele que se coloca junto com o educando e procura superar com o educando o seu não saber e suas dificuldades, com uma relação de trocas onde ambas as partes aprendem...”

(Paulo freire)

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo as dificuldades no processo de aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos, apresentando uma breve retrospectiva da história da EJA, destacando os obstáculos enfrentados por esta modalidade. Passando de forma sucinta o letramento e alfabetização da EJA, como pode ser compreendida essa metodologia e o melhor desempenho. Das dificuldades encaradas pelos educadores ao exercer seu papel, do mesmo modo as dificuldades dos alunos que frequentam a escola tardiamente e passam por vários problemas sejam de ordem social, física ou intelectual.

Envolve também os desafios enfrentados pelo educador. O trabalho foi desenvolvido através da pesquisa exploratória, por intermédio de livros, artigos, materiais disponíveis na internet e pesquisa de campo com professores e alunos, pretendendo colaborar para uma melhor educação, com perspectiva, reflexão, consciência e senso crítica.

Palavras-chave: Educação. Aprendizagem. Letramento. Alfabetização.

ABSTRACT

This work had as objective the difficulties in the process of learning in Adults and Young Education, presenting a short retrospective of the history of the EJA, highlighting the obstacles faced by this mode. Passing succinctly the literacies of the EJA, how can be understood this methodology and the best performance. Addressed by educators to carry out your role, likewise the difficulties of the students who attend the school late and pass through several social problems, so too are the difficulties of the students who attend school late and go through various problems of a social, physical or intellectual nature, intellectual or physical.

It also involves the challenges faced by the educator. The work was developed through exploratory research, through books, articles, materials available on internet and field research with teachers and students, intending to collaborate for a better education, with perspective, reflection, awareness and sense are critical.

Keywords: Education. Learning. Literacies.

LISTA DE GRÁFICOS

GRAFICO 1: Referente ao que busca os alunos da EJA	35
GRAFICO 2: Grau de dificuldades no processo de aprendizagem	37
GRAFICO 3: Dificuldades enfrentadas pelos professores e alunos da EJA.	38

LISTA DE SIGLAS

CEB – Câmara de educação Básica

CEAA – Campanha Pública Nacional de Educação de Adolescentes e Adultos

EJA – Educação de Jovens e Adultos

FUNDEF – Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MOURA – Movimento de Educação de Adultos

PAS – Programa Alfabetização Solidária

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	14
2.1. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E SUA PROBLEMÁTICA	18
2.2. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE JOVENS E ADULTOS	21
3. DIFICULDADES NA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	25
3.1. DA REALIDADE DO EDUCANDO E SUAS DIFICULDADES	25
3.2. DO EDUCADOR E SUAS DIFICULDADES	27
4. DESAFIOS PARA ENFRENTAR AS DIFICULDADES	30
4.1. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS	33
4.2. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM SEGUNDO PLANO.....	34
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	42

1. INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino destinada a jovens e adultos que não tiveram acesso ou que por algum motivo não puderam concluir o ensino na idade apropriada. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9.304, de 1996, no artigo 37, evidencia preocupação em garantir a continuidade e acesso aos estudos por aqueles que não tiveram oportunidade em idade apropriada. O parecer CEB/2000 regulamentou “As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos” (CEB nº 11/2000, aprovado em 10 de maio de 2000.), preconiza que a EJA então não possua mais a função de suprir somente a escolaridade perdida, mas sim a função reparadora, qualificadora e equalizadora, e é garantida dessa forma na legislação. A EJA apresenta muitos desafios, principalmente por ser uma alternativa para minimizar o problema de exclusão social.

Esta pesquisa, intitulada Dificuldades de Aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos: Uma reflexão com alfabetizadores da EJA focaliza os obstáculos presentes no cotidiano dos educadores através do processo de aprendizagem dos educandos.

O interesse pelo tema surgiu através da minha experiência com educadores e educandos, que fazem parte da EJA, com o intuito de analisar os problemas enfrentados por estes formadores que buscam dar continuidade no processo de escolarização, tão importante na sociedade contemporânea.

Este processo teve início quando ao ingressar na EJA na condição de estagiária através do Estágio Supervisionado composto na grade curricular do curso de Pedagogia, passei a viver algumas contradições entre a formação adquirida e a realidade enfrentada pelo público da EJA.

Esta modalidade de ensino – EJA -, por si só, requer especialidades do trabalho docente, uma vez que a distorção idade/série é a principal característica dos sujeitos que dela fazem parte. Neste sentido destaco também outros problemas

apontados pelos educadores, tais como, a baixa frequência dos alunos nas aulas, a falta de estrutura das escolas entre outros problemas enfrentados.

No momento que tive o contato com a EJA como estagiária, percebi que dentro da proposta metodológica da disciplina de Estágio Supervisionado, estava em observar os métodos de ensino abordados pelo educador e trabalhar exclusivamente com uma turma provendo diálogos e articulações dos conteúdos apresentados em sala de aula.

Penso que desempenhar este acompanhamento foi de fundamental importância para a compreensão das dificuldades abordadas pelos formadores desta modalidade. Esse processo também me favoreceu a percepção de possibilidades possíveis de ensino-aprendizagem para além dos limites da minha área de observação, movendo-se assim um olhar mais crítico para o processo educativo, além de uma nova visão frente à demanda de trabalho enfrentada pelos professores.

Observei o desempenho dos educadores em salas da EJA, não tem como deixar de falar de uma formação acadêmica, ou seja, uma formação universitária que contemple esta modalidade de ensino. Desta forma podemos dizer que muitos discentes saem das universidades para o campo profissional sem o conhecimento necessário para atuar com público desta modalidade. Onde acabam se dando conta desta má formação acadêmica ao assumirem turmas de EJA, ao se depararem com um público estudantil diferenciado, com vivências diversas, que necessitam de um ensino que seja direcionado à sua realidade.

2. BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

O histórico da EJA no Brasil perpassa a trajetória do próprio desenvolvimento da educação e vem institucionalizando-se desde a catequização dos indígenas, a alfabetização e a transmissão da língua portuguesa servindo como elemento de aculturação dos nativos (PAIVA, 1973).

A trajetória de ensinar jovens e adultos no Brasil favoreceu a muitos, segundo declara Lopes e Sousa:

Inicialmente a alfabetização de adultos para os colonizadores, tinha como objetivo instrumentalizar a população, ensinando-a ler e a escrever. Essa concepção foi adotada para que os colonos pudessem ler o catecismo e, mais tarde, para que os trabalhadores conseguissem cumprir as tarefas exigidas pelo estado". (2010, p. 3).

No Brasil o histórico da Educação de Jovens e Adultos (EJA) a partir da década de 1940 elaborado por meio de uma vasta literatura¹ que trata sobre este tema, registra uma trajetória de ausências de políticas públicas e de fracasso na promoção de escolarização da população.

O Ministério da Educação e Saúde por iniciativa do coordenador Lourenço Filho em 1947, lançou a primeira Campanha Pública Nacional de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), visando o atendimento deste público a escolarização, tendo como inspiração o método de Laubach.

Essa campanha percebia a educação como processo destinado a proporcionar a cada indivíduo, segundo suas capacidades, os instrumentos indispensáveis ao domínio da cultura de seu tempo, as técnicas que facilitassem o acesso a essa cultura e com os quais cada homem pudesse desenvolver-se procurar melhor ajustamento social (BEISEGEL, 1974).

A principal finalidade era levar esta modalidade de ensino aos brasileiros das zonas urbanas e rurais sem conhecimento, estimulando o conhecimento econômico

¹ PAIVA (1975)

e social, por parte de um processo de formação que promoveria a melhoria da condição de vida da população.

A década de 1950 abrangeu uma visão pedagógica inovadora sob a influência de Paulo Freire, que valorizou o conhecimento do mundo “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (SOEK, p.21). Porém em 1964 com o Golpe Militar, houve a proibição dos movimentos de alfabetização, acontecendo nesta época a criação do Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL, em 1967, neste método em 1971 houve a criação do ensino supletivo, no entendimento de SOEK (2010, P.23), “o evento de maior realce para a reinserção escolar daqueles que não tiveram oportunidade de estudar na época certa”. Mas gerou críticas desfavoráveis porque o MOBRAL não priorizava o diálogo, a realidade dos alunos, como lembra SOEK (2010, P. 17). Com o Decreto Nº 91.980 de 25 de Novembro de 1985, que redefiniu “os objetivos do movimento brasileiro de alfabetização MOBRAL, altera sua denominação e dá outras providências”, criando a Fundação Educar, que tinha como objetivo fornecer o ensino básico através de programas, proporcionando as pessoas que não tiveram acesso à escola ou que por algum motivo não puderam concluir seus estudos dando lhes a oportunidade de estudar.

A Educação de Jovens e Adultos iniciou uma nova fase de reconhecimento legal com o término do período militar, a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988 onde “materializou-se o reconhecimento social dos direitos das pessoas jovens e adultas à educação fundamental, com a consequente responsabilidade do estado por sua oferta pública, gratuita e universal” (HADDAD e PIERRO, p. 119).

A Lei de Diretrizes e Bases de 1996 abrange a EJA em dois artigos de acordo com Haddad e Pierro (2000, p.122) que vem reafirmar o direito dos jovens e adultos trabalhadores ao ensino básico, adequado as suas condições peculiares de estudo, e ao dever público em oferecê-lo gratuitamente na forma de cursos e exames supletivos”.

Um dos benefícios que veio para a EJA, através das modificações da lei, foi a implementação ao ensino básico comum tendo a diminuição da idade mínima de acesso aos programas da EJA, sendo 15 anos para o Ensino Fundamental e 18

para o ensino médio. Havendo falhas na contribuição significativa para esta modalidade, mesmo sabendo o direito que a Educação de Jovens e Adultos possuía. Assim:

A nova LDB, aprovada também em 1996, apesar de reconhecer o direito a EJA, acabou por deixar de lado uma série de iniciativas importantes a realização plena desse direito e que constavam nos projetos anteriores dos deputados Octávio Elísio e Jorge Hage, nos quais houve um esforço de superar o conceito de Ensino Supletivo, que firmava a ideia de reposição de escolaridade, recuperando o termo Educação de Jovens e Adultos, um conceito mais voltado à construção de processos próprios. A LDB deixou de contemplar, ainda, algo que é fundamental para a EJA: uma atitude ativa por parte do poder público na convocação e na criação de condições para que o aluno possa frequentar a escola. Nesse sentido, foram deixados de lado vários aspectos, como por exemplo: escolas próximas do trabalho e da residência; criação de condições próprias para a recepção de teleducação em empresas com mais de cem funcionários; apoio de programas de alimentação, saúde, material escolar e transporte, implementação de formas e modalidades diversas que contemplem os estudantes nas diferentes regiões do país [...] (HADDAD, 2007, p.9).

Com a criação do FUNDEF Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério e a Reforma Educacional de 1996, o principal objetivo do governo era transferir os gastos com a educação para os municípios, tendo apenas a responsabilidade com o ensino fundamental. Assim, com o Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental (FUNDEF), os fundos relacionados à Educação eram redistribuídos entre as esferas estaduais e municipais, proporcionalmente ao número de matrículas do ensino fundamental regular por cada rede de ensino (HADDAD e PIERRO, 2000).

A partir da criação do FUNDEF outros segmentos acabaram sendo escanteados como a educação infantil, o ensino médio e a educação de jovens e adultos. Com isso a educação infantil e a Educação de Jovens e Adultos ficou na responsabilidade dos setores municipais. Onde muitas prefeituras acabaram não custeando por precariedade nos recursos públicos repassados.

Os anos de 80 e 90 foram marcados pelas grandes lutas a favor do reconhecimento do direito a EJA através do processo de redemocratização do sistema público.

O Professor Paulo Freire, quando Secretário de Educação do município de São Paulo, fez nascer alguns programas voltados a alfabetização de jovens e adultos com objetivo de resgatar as experiências realizadas no campo da EJA.

O Movimento de Educação de Adultos – MOVA foi um dos programas mais destacados nacionalmente. Segundo HADDAD (2007, p 13) “o modelo implementado ao envolver entidades e movimentos sociais acabou por fortalecer no âmbito da sociedade civil e demanda por EJA e experiências educacionais”.

No ano 1997 o Ministério da Educação criou o Programa Alfabetização Solidária (PAS), programa que tinha como objetivo principal alfabetizar as séries iniciais nos municípios que tinham um alto índice de analfabetismo. O programa PAS tinha apenas um tempo de duração de cinco meses. Com isso os resultados apresentados não alcançavam as expectativas esperadas por conta do curto prazo de realização do programa.

O governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva realizou a criação do Programa Brasil Alfabetizado, cujo objetivo era suprir as necessidades de alfabetização no país. O Ministério da Educação, em 2006, aprovou a criação do FUNDEB – Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica, o qual passou todas as modalidades de ensino inclusive a Educação de Jovens e Adultos, aos recursos financeiros destinados a educação. O que para Vale (2008, p.14) é um “resgate que veio corrigir uma injustiça social quando, nas décadas de 1980 e 1990, a ação governamental, em São Paulo, procurou priorizar o Ensino Fundamental”. Ainda para o autor (2008, p.15), “as preocupações do estado com a Educação Infantil e a Educação de Jovens e Adultos revelaram-se tardias como metas dos programas educacionais e escolares do governo social-democrático”. Principalmente quando observamos a EJA, onde as poucas iniciativas que houve foram por parte dos governos municipais, não havendo nenhum ponto de partida por parte dos governos estaduais e federais.

Com tudo isso, podemos dizer que a trajetória da Educação de Jovens e Adultos no Brasil se constituiu em meios a quedas, avanços, retrocessos, tendo como marca principal as políticas públicas. A cada governo novo os programas de alfabetização passam por retrocessos por serem programas criados por governos anteriores.

Com todas as dificuldades enfrentadas pela Educação de Jovens e Adultos e seu reconhecimento tardio no Brasil, podemos considerar que toda a trajetória histórica trouxe elementos e avanços importantes para o pensamento em relação à EJA de hoje. Mesmo havendo a redução no índice de analfabetismo no país, a problemática que gira em torno da alfabetização continua no país. Se bem observada pela visão percentual, o analfabetismo teve suas taxas reduzidas, porém se observarmos por parte dos números temos milhões de pessoas que não tiveram oportunidade de conhecer a cultura escrita.

A EJA tem seus desafios hoje. Acabar com o analfabetismo no Brasil exige a criação de políticas públicas que atenda esse número altíssimo de pessoas analfabetas, como também a luta por suas permanências nos programas de escolarização de adultos, onde possam ter o sucesso ao conhecer a cultura escrita.

2.1. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E SUA PROBLEMÁTICA

No Brasil nunca houve democracia em relação ao direito a educação. Mesmo com toda a luta e conquista pelo direito a educação grande parte da população não tinha acesso as escolas na faixa etária correta. Muitos eram os desafios enfrentados dificultando o acesso à escola, a distância das escolas problema enfrentado principalmente por crianças da zona rural, a falta de vagas já que a obrigatoriedade ao ensino, assim como a ampliação de vagas no Brasil é algo recente que passou a acontecer na metade do século XX e a necessidade de ajudar seus pais nas responsabilidades de casa tendo que começar a trabalhar cedo.

Com isso, originou-se um país com o índice altíssimo de analfabetos. Onde a má qualidade no ensino foi também um fator importantíssimo no crescimento deste índice. Apesar da conquista do país em uma ampliação nas vagas proporcionando a amplas camadas da população uma oportunidade de ensino, não houve o acompanhamento necessário para melhoria na qualidade do mesmo. Desta forma, muitas crianças frequentavam a escola mais não obtiam êxito no processo de aprendizagem, ocasionando o crescimento no número de crianças que saíam da escola sem se alfabetizar.

Problema enfrentado por crianças que não tinham condições de estudar na idade certa, ou pela exclusão no sistema educacional, desta forma os jovens e adultos vão em busca dos programas da EJA, a oportunidade de aprender, que o mesmo oferta, proporcionando desta forma uma melhor condição de vida, já que o mundo com toda a tecnologia e modernidade encontrada cobra das pessoas uma qualificação para que possa ingressar num mercado de trabalho, acaba acontecendo a exclusão de jovens e adultos os impossibilitando de participarem dignamente da vida social.

A exclusão social também vem se afirmando no Brasil a partir dos programas históricos da EJA, onde afirma os jovens e adultos como aprendizes, onde muito dos programas buscam apenas realizar a aprendizagem dos jovens e adultos, transmitindo conhecimentos que deveriam ser adquiridos no período que eram crianças e deveriam frequentar as series iniciais. Deixando de lado suas opiniões, interesses e necessidade, todo seu histórico e toda sua interação com o cotidiano. Para Coll (1999, p.2) “a primeira constatação é que cada adulto é uma pessoa diferente, com diversas experiências vividas, com interesses particulares que o conduzem a um processo formativo e com conhecimento de base também peculiares”.

Ao falarmos da EJA destacamos a falta de conhecimento que os jovens e adultos precisam adquirir. Esquecemos que o passar do tempo traz para as pessoas experiências, conhecimentos, os permitindo uma interação com o mundo que vivem mesmo não sabendo nem ler nem escrever.

O retorno para o meio escolar dos jovens e adultos, muitas vezes vem marcado com a falta de autoestima e cicatrizes que os dá um sentimento de incapacidade de aprender e de desvalorização pessoal, cicatrizes adquiridas pela negatividade nas experiências vivenciadas dentro da escola como a exclusão educacional e fora dela como a exclusão social.

Lutar pelo resgate da autoestima destes jovens e adultos que volta ao meio escolar, como a valorização dos seus saberes populares e experiências adquiridas é de fundamental importância para a permanência nas escolas e o seu processo de aprendizagem. Assim para Coll (1999, p.3) “os aspectos vinculados as capacidades de equilíbrio pessoal, principalmente tudo aquilo que tem a ver com o autoconceito e a autoestima dos aprendizes, devem ser situados em primeiro plano quando se fala de educação de adultos”.

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino contínuo que tem por objetivo uma formação integral e contínua para os jovens e adultos. Diferente de outros programas de alfabetização que visam apenas alfabetizar em um curto período de tempo. Desta forma deve se pensar na EJA de forma flexível em seus horários, programas e currículos.

O público atendido pela EJA, são pessoas trabalhadoras, donas de casa, agricultores, que após uma carga horária de trabalho dedicam-se aos estudos, desta forma acabam chegando as escolas cansados, sonolentos tendo um rendimento baixo no processo de alfabetização. Com esta problemática pode-se pensar em horários flexíveis no programa da EJA, tornando-se adequados a necessidade dos trabalhadores os dando oportunidade de continua com seus estudos. No nosso país está ocasionando o fechamento de muitas salas de EJA, podemos dizer que o principal motivo é a rigidez nos horários de funcionamento como também a apresentação dos conteúdos, ocasionando a baixa frequência do alunado desta forma aumentando o índice de desistência. A organização do currículo deve ser pensado e formulado de forma que contemple os interesses dos trabalhadores e que busque ir além das disciplinas tradicionais, relacionando se com o trabalho, lazer, cultura e outros temas que façam parte do cotidiano do educando. Os professores e alunos devem ser os principais significado de valorização da escolarização.

Garantir a EJA flexibilidade de seus horários, programas e currículos está prevista na LDB e segundo Haddad (2007, p. 17) “dar atenção a essas diferenças e trata-las a partir da diversidade de necessidades de aprendizagem são condições para oferecer aos educandos uma escola voltada para seus interesses”.

Com todos os problemas enfrentados pela EJA, a precária formação de professores encontra-se em destaque. Onde muitos educadores passam a atuar nesta modalidade de ensino de forma despreparada, por não ter conhecimento nas especialidades desta modalidade de ensino, como também por não ter tido uma formação adequada e preparatória para trabalhar como educador de jovens e adultos.

Desta forma nos fazem pensar na implementação de programas da EJA com aspectos que consistem em elementos importantes, afinal o domínio dos conteúdos do professor é de fundamental importância para transmiti-lo, como também as metodologias usadas na transmissão do saber. Os educandos trazem para o meio escolar um saber popular enraizado, desafiando os educandos a uma transição do saber popular para o saber historicamente acumulado.

Com isso e visando a melhoria da condição de vida através da Educação de Jovens e Adultos devesse buscar um serviço que atinja as camadas populares, ela precisa voltar-se a igualdade de oportunidades, voltando-se para a educação permanente, tendo em vista o desenvolvimento intelectual e amplo do indivíduo.

2.2. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE JOVENS E ADULTOS

Conforme Soek (2010, p. 40), o letramento “não se restringe ao aprendizado automático e repetitivos dos códigos convencionais da leitura e da escrita ensinados tradicionalmente nas escolas (...) ele acontece antes e durante a alfabetização e continua para o resto da vida”.

A medida que na visão de Paulo Freire a alfabetização, tem um significado amplo, contendo o domínio da escrita, do código, possibilitando uma leitura crítica.

Segundo Carvalho (2010, p. 63), “no Brasil os conceitos de alfabetização e letramento se mesclam, se superpõe e frequentemente se confundem”. A autora defende que embora haja interligação entre o processo de alfabetização e letramento, eles são distintos, ou “específicos”. Ressalta que “alfabetizar e ensinar o código alfabético; letrar é familiarizar o aprendiz com os diversos usos sociais da leitura e da escrita”. Maria Conceição e Maria Inês (2009, p. 105) ementam que:

A questão fundamental no processo de alfabetização é a compreensão da estrutura dos códigos com a representação da língua e não como uma representação gráfica, ou seja, não é a escrita que significa o que queremos dizer, e sim o que entendemos e representamos que simbolizamos através do sistema alfabético.

Sendo vistos como institutos diferenciados por alguns autores, por ver a necessidade de alfabetizar letrando. Enquanto outros evidenciam a igualdade entre ambos por terem o mesmo sentido.

A maior dificuldade enfrentado pelos professores/as segundo Silva (2010) “é o de conciliar esses dos processos – alfabetização e letramento-, assegurando aos alunos tanto apropriação do sistema alfabético-ortográfico da língua e escrita socialmente relevantes”.

Entendendo que letramento e alfabetização são processos distintos, segundo Ceris, exigem também métodos diferenciados para cada um deles.

E com isso Soares (2003) enfatiza uma discursão em respeito à alfabetização e letramento quando fala que a muito tempo se ensina de forma equivocada, de forma que primeiro se realiza a alfabetização para depois realizar o letramento. Com a visão de que ambos são institutos diferentes, ela destaca que “esse é um engano sério, porque as duas aprendizagem se fazem ao mesmo tempo, uma não é pré-requisito da outra”. E ela continua defendendo “a alfabetização que deveria ser ensinada de forma sistemática, não deve ser diluída no processo de letramento”.

Importante enfatizar que a motivação, aprendizado e letramento é diferente de aluno para aluno, acontecendo de acordo com o interesse de cada um. As diferenças acontecem de acordo com as necessidades e possibilidades. Enquanto alguns alunos tem o contato com internet, livros, revistas outros nunca manusearam

nenhum destes recursos ou fontes. Levar ao aluno a perceber a presença dos meios dispostos a vida cotidiana como a escrita, fazendo perceber através dos usos sociais as diversas formas da leitura e da escrita que fazem parte do processo de letramento, sempre levando-os a entender a importância que a leitura e a escrita tem no hoje, no agora e não apenas para o futuro, os motivando a aprender como os é exigido.

O letramento deve acontecer de forma prazerosa, sem cobranças, pressão, sendo algo bom e prazeroso. E isso acaba acontecendo através do processo de alfabetização, quando passa a aprender a relação de letras e sons, surge o prazer pela leitura e escrita, o manusear do material, seja pelo contato manual, pelo olhar ou cheiro, que surge o interesse e a percepção da importância desse conhecimento em suas vidas.

Despertar o interesse por seres leitores e escritores é dar alicerce para tal, de forma que atualizem-se, busquem informações, tenham seu ponto de vista, que sintam emoções narradas nas leituras lidas e consigam expressá-las através da oralidade ou escrita.

No artigo “A entrada da criança no mundo da escrita: o papel da escola”, Magda Soares, faz uma comparação entre alfabetização e letramento como uma entrada num país que se exija passaporte. O passaporte seria o uso das convenções para o sistema da escrita alfabético e o letramento, ou seja, a língua escrita através das práticas sociais que há envolvem.

A união da alfabetização e do letramento é de fundamental importância tanto para criança quanto para o adulto, no processo de leitura e escrita, buscando ler o seu mundo de forma prazerosa, conciliando o conhecimento que traz consigo com o que a escola os tem a proporcionar através das suas diferentes técnicas.

Apesar da demora na preocupação do estado com a EJA, contudo, nos dias atuais o comprometimento com essa modalidade, é bastante destacado, em especial, pela educadora, Magda Soares, que assim como outros educadores contribuíram para esse avanço, buscando de forma harmoniosa e eficaz conciliar leitura, escrita e letramento.

Os/as alunos/as e educadores/as da EJA tem como uma das maiores dificuldades a leitura e compreensão de códigos, pois os educandos ao retornarem as salas de aula trazem consigo uma bagagem enorme, crenças e valores definidos os dificultando na interpretação e compreensão do que se lê. Os adultos e jovens recebidos nas escolas veem com vivencias profissionais, idades, origens distintas, ritmos de aprendizagem e opiniões das mais diversas.

3. DIFICULDADES NA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

3.1. DA REALIDADE DO EDUCANDO E SUAS DIFICULDADES

Os educandos da Educação de Jovens e Adultos, trazem consigo um contexto histórico, uma realidade social. Voltam às salas de aula em busca de melhorias para suas vidas, ofertadas através do processo de aprendizagem. Na concepção de Gadotti (2008, p. 31):

Os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego, etc.) que estão na raiz do problema do analfabetismo. Para definir a especialidade de Eja, a escola não pode esquecer que o jovem e adulto analfabeto é fundamentalmente um trabalhador às vezes em condição de subemprego ou mesmo desempregado [...]

Os discentes têm realidades tem realidades distintas em do outro, por viverem em um mundo de família, trabalho, possuindo responsabilidades familiares e sociais de caráter ético e moral construídos a partir da experiência pessoal e da realidade sociocultural ao qual fazem parte.

O conhecimento enfrentado pelas escolas confronta-se com os valores adquiridos no cotidiano, a dificuldade diária de problemas a serem resolvidos. É um conhecimento concebido, mas não sistematizado, onde o mundo letrado os valoriza necessariamente, como o aluno nem sempre percebe sua importância.

Além do mais existem os problemas de saúde enfrentados por muitos alunos, como a pouca audição, a baixa visão ou outras enfermidades que dificultam o processo de aprendizagem.

Paulo Freire, fala através dos seus estudos uma fundamental característica da Eja "o sujeito como autor de seu próprio aprendizado", conscientizando para educar, formando seres críticos, uma educação para liberdade. A escola deve acolher o aluno, o amparando e fazendo-os atingir objetivos satisfazer anseios.

Os alunos ao chegarem a escola, trazem consigo problemas os deixando oprimidos com baixa autoestima, chegando a sala de aula cansados, sentindo-se oprimidos e desestimulados em acreditar em suas capacidades. Com isso, Werneck (1999, p. 23) diz que:

Muitas vezes a escola se apresenta aos alunos como um pesado elefante. A primeira impressão deixada para o estudante é de alguma coisa impossível de ser ultrapassada. Poucos terão a alegria e certeza de poder enfrentar esse peso, mais próximo do desgosto do que felicidade.

Os jovens e adultos possuem uma realidade diferente das encontradas pelos educadores no ensino regular, onde as crianças aprendem e assimilam os que é transmitido naturalmente. A Educação de jovens e adultos possui alunos com baixo desenvolvimento de aprendizagem, que pode se originar através de causas neurológicas ou por outras formas diversas, como sociedade e cultura. Com isso, Scoz enfatiza que:

[...] os problemas de aprendizagem não são restringíveis nem a causas físicas ou psicológicas, nem a análises das conjunturas sociais. É preciso compreendê-los a partir de um enfoque multimensal, que amalgame fatores orgânicos, cognitivos, afetivos, sociais. Tanto quanto a análise, as ações sobre os problemas de aprendizagem devem emergir-se num movimento mais amplo de luta pela transformação da sociedade (SCOZ, 1994, p. 22)

Contudo esses jovens e adultos que superam os obstáculos da autoestima e da submissão da aprendizagem formal, como fala Paulo Freire (Pedagogia do Oprimido) que busca a libertação através da sua práxis pela necessidade do conhecimento e reconhecimento de lutar por ela, esses, convivem precariamente em condições de saúde, moradia, alimentação e trabalho.

Desta forma, um educador ao assumir uma sala de jovens e adultos, ele se depara com seres batalhadores que passam por situações difíceis para sobreviver, mas que apesar de tudo buscam uma qualidade de vida. Moacir Gadotti (2008, p.32), interpreta da seguinte forma:

Um programa de educação de adultos, por essa razão, não pode ser avaliado apenas pelo seu rigor metodológico, mas pelo impacto gerado na qualidade de vida da população atingida. A educação de adultos está

condicionada as possibilidades de uma transformação real das condições de vida do aluno-trabalhador. Os programas de educação de jovens e adultos estarão a meio caminho do fracasso se não levarem em conta essas premissas, sobretudo na formação do educador.

Quando falamos da dura realidade enfrentada pelos educandos, observamos o interesse em busca de melhorias para suas vidas, buscando recuperar o tempo perdido, apesar da idade, muitas vezes avançadas, mas com disposição de aprender, tudo que não teve condições de aprender anteriormente.

3.2. DO EDUCADOR E SUAS DIFICULDADES

O educador tem um trabalho desafiador, árduo e complexo, por envolver questões variadas em relação a educação, tendo em vista uma educação diferenciada da educação aplicada a crianças ou adolescentes através do ensino regular.

O processo de formação dos educandos da EJA se dá, através de estudos, da teoria e prática dos educadores desta modalidade, adquirindo a visão de ensino através da realidade enfrentada.

Sendo uma das primeiras dificuldades enfrentadas pelo professor da EJA em sala de aula. Encontrando um mundo diferente, uma nova clientela, que busca aprender, mas não apenas de forma formal, tem a esperança de uma melhoria de vida, tem expectativas diferentes do público infantil. Esta modalidade não é um objetivo particular no currículo e formação do profissional. E quando deparado com problemas familiares, fisionomias cansadas, após um dia de trabalho, em busca da aprendizagem a qualquer custo. São realidades distintas, contextos diferentes, da modalidade infantil, como explica Demo (2002, p.17):

Supõe que o professor se interesse por cada aluno, busque conhecer suas motivações e seus contextos culturais, estabeleça com ele um relacionamento de confiança mútua, tranquila, sem decair em abusos e democratismos. Trata-se sempre de aprender junto, instituindo o ambiente

de uma obra comum, participativa. A experiência do aluno será sempre valorizada, inclusive a relação natural hermenêutica de conhecer a partir do conhecido. O que se aprende na escola deve aparecer na vida.

E Gadotti (2008, p.17) adiciona que:

No mínimo esses educadores precisam respeitar as condições culturais do jovem e do adulto analfabeto. Eles precisam fazer o diagnóstico histórico-econômico do grupo ou comunidade onde irão trabalhar e estabelecer um canal de comunicação entre o saber técnico (erudito) e o saber popular.

Os professores também apresentam como dificuldade a cultura do aluno o qual traz consigo para o meio escolar, surgindo dificuldades no modo a se trabalhar esse contexto. Apesar de muitos educadores desprezarem o rico conhecimento prévio do aluno, por se preocuparem apenas com a aplicação dos conteúdos curriculares.

O relacionamento afetivo entre educando e educador também é uma dificuldade enfrentada pelos educandos, como fala Buber (1959, apud FAZENDA, 2003, p.38) “coloca que a verdadeira relação educadora só é possível na amizade...” e continua “o educador, guardando seu próprio lugar, do fundo do seu ser, se coloca também ao lado do aluno, vis-à-vis”.

Desta forma, a amizade e confiança no convívio educacional é importante, porque as atribuições diárias dos educandos fazem com que percam o interesse, a vontade de aprender, onde a partir de um contato gentil, amigável e caloroso do professor desperta o interesse de aprender e de continuar no processo de aprendizagem.

Além disso, a falta de amizade e diálogo entre ambos dificulta no processo de alfabetização, na permanência na escola, e interfere nos sonhos por uma melhor condição de vida.

O professor ainda tem que conviver com a baixa autoestima de seus alunos que muitas vezes sofrem discriminação por meio da sociedade que vive, dando-lhes a condição de incapacidade por meio do processo de aprendizagem. Desta maneira

é dever do professor estimular sua participação, incentiva-los e integra-los no processo de aprendizagem.

4. DESAFIOS PARA ENFRENTAR AS DIFICULDADES

Uma nova concepção de práticas pedagógicas que busquem valorizar o senso crítico e libertador dos educandos é um desafio a educação. Um novo olhar pelo aprender, que se aperfeiçoe ao cotidiano atual, uma necessidade profissional através da vivência.

Observamos a falta de preocupação em formar pessoas críticas, analisando a base curricular da EJA com a do ensino infantil, o que atrapalha o principal objetivo de estudo na educação de jovens e adultos, o qual busca percorrer por diferentes caminhos.

A Educação da EJA deve buscar formar indivíduos que atuem na sociedade, que expressem sua opinião, dialogando e criticando, estando integrados aos conteúdos atuais, aperfeiçoando desta forma o senso crítico.

Com a falta desse método, torna-se inviável ter uma educação de qualidade, como fala Pierro.

Ao focalizar a escolaridade não realizada onde interrompida no passado, o paradigma compensatório acabou por enclausurar a escola para jovens e adultos nas rígidas referências curriculares, metodológicas de tempo e espaço da escola de crianças e adolescentes, interpondo obstáculos à flexibilização da organização escolar necessária ao atendimento das especificidades desse grupo sociocultural (PIERRO, 2005, p.31).

A dificuldade relacionada e a contradição entre aprendizagem e permanência escolar, exigindo do aluno saber ler e escrever, não havendo o oferecimento de métodos adequados e condições para que isso aconteça, havendo uma cobrança pelo processo de educação, uma educação ao longo da vida que os permita ingressar e permanecer no mercado de trabalho. Com relação a isto, Delors enfatiza:

[...], o processo científico e tecnológico e a transformação dos processos de produção resultante da busca de uma maior competitividade fazem com que os saberes e as competências adquiridos na formação inicial, tornem se,

rapidamente absolutos e exijam o desenvolvimento da formação profissional permanente (DELORS, 2001, p, 23).

A certeza e a esperança de desempenhar e realizar um papel na sociedade, compreendendo letras e números, podendo ter uma melhor oportunidade frente ao mercado de trabalho, possibilitando uma melhor qualidade de vida, é uma expectativa a qual faz com que os alunos retornem ao meio escolar. De acordo com Delors (2001, p. 103) “ninguém pode pensar adquirir, na juventude, uma bagagem inicial de conhecimento que lhe baste para toda a vida, porque a evolução rápida do mundo exige uma atualização contínua dos saberes”.

São seres humanos que enfrentam a vergonha e voltam a sala de aula, em busca de avanço em seus conhecimentos, e preparação para os desafios encontrados frente ao mercado de trabalho, diante a família e a sociedade, que tanto exige e discrimina, saindo do percentual de analfabetos na sociedade e tornar-se representante e senhores de si.

Entretanto, deve compreender que a educação não é um comum depósito de conhecimentos, mais bem além disso, é não se reter as disciplinas continuadas do currículo. Escrever, ler e resolver cálculos como aspecto de garantir lhes o conhecimento, mas objetiva-los a análise, compreensão, modificação e reflexão do aprendido, possibilitando o uso útil e social, tornando-os modificadores e transformadores na sociedade. Para isto, o conhecimento deve ser construído como um movimento de diálogo, como fala Ferreira (1990):

O conhecimento é o movimento da síncrese (sensorial-concreto), passando pela análise (abstração), chegando à síntese (o concreto-pensando, um novo concreto mais elaborado). A atividade analítico-sintética é indispensável ao avanço do conhecimento. A análise é a separação dos elementos particulares de um todo. A síntese é a reunificação dos elementos analisados (p.51).

Desta forma, o modo educacional transmitido aos alunos antes esperado, deste modo a insuficiência e inadequação ‘da metodologia e materiais de apoio, não move os educandos a uma reflexão e transformação.

Ferreira diz que uma educação de qualidade só se atinge com a elaboração de um processo de problematização que é classificado da seguinte forma:

1º - Partir da prática concreta – Perguntar, problematizar a prática. São as necessidades práticas que motivam a busca do conhecimento teórico. Tais necessidades constituem o problema, aquilo que é necessário solucionar. Supõe, pois, identificar fatos e situações significativas da realidade imediata.

2º - Teorizar sobre a prática – Ir além das aparências imediatas, desvelar, refletir, discutir, estudar criticamente, buscando conhecer melhor o tema problematizado.

3º - Voltar à prática para transformá-la – Voltar à prática com referências teóricas mais elaboradas e agir de modo mais competente (FERREIRA, 1990, p.52)”

O abandono das salas de aula pelo alunos se dar por motivo de trabalho, ou pela falta de expectativas não encontradas nas escolas. Suas voltas acontecem por parte do incentivo familiar, cobrança do trabalho, a vergonha de não saber escrever nem ler, exigências muitas vezes da sociedade.

Apesar da faixa etária ser muito acima, por serem jovens e adultos, o apoio e incentivo familiar são de fundamental importância ao retorno escolar.

No que se refere às disciplinas trabalhadas no currículo escolar, muitas vezes pressas a leitura, escrita e cálculos matemáticos, Silva (1991, p.79-80) confirma que “A leitura crítica é condição para a educação libertadora, é condição para a verdadeira ação cultural que deve ser implementada nas escolas”.

Encerrando, explica Ferreira (1990) que:

A alfabetização, enquanto aquisição da língua escrita, não é simplesmente um ato mecânico de decodificação do código escrito, mas ocorre numa construção do conhecimento que envolve questões de ordens diversas e exige uma postura crítica para que se concretize plenamente. Alfabetização é a aquisição da língua escrita, por um processo de construção do conhecimento, que se dá num contexto discursivo de interlocução de interação, através do desvelamento crítico da realidade, como uma das condições necessárias do exercício da plena cidadania: exercer seus direitos e deveres frente à sociedade global [...] A alfabetização passa por questões de ordem lógico-intelectual, afetiva, Sociocultural, política e técnica (p.60).

Assim, é de grande importância a leitura, como também a escrita e a fala no desenvolvimento intelectual do aluno, pois contribuem no desenvolvimento de ações

diárias, no senso crítico e reflexivo, os dando autonomia e habilidade na solução de problemas, não resolvidos antes de serem letrados. Há uma ligação entre o aprendizado e a construção de saberes, que com o seu desenvolvimento nascem as cabeças pensantes, as melhores ideias, e o crescimento da sociedade.

4.1. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

O presente trabalho acadêmico foi desenvolvido através de metodologia qualitativa, especificamente através da pesquisa exploratória, por intermédio de livros, artigos, materiais disponíveis na internet e pesquisa de campo, mediante entrevistas com alfabetizadores e alunos da EJA como também observações em sala de aula.

A coleta de dados foi realizada na aula de uma professora da EJA no Município de Sobrado, Paraíba, onde observou se o público alvo, materiais e métodos de didáticos utilizados e as dificuldades enfrentados diariamente pelos alunos e professora em sala de aula.

A pesquisa de campo buscou analisar dificuldades no processo de aprendizagem dos educandos, através dos educadores da Educação de Jovens e Adultos, com coletas de informações, in casu, dos entrevistados e o estudo, proporcionando a compreensão e explicação a problemática levantada pelo presente trabalho, assim como a contribuição dos gráficos apresentados.

De modo geral a pesquisa pode ser compreendida com um “processo formal e sistemático de desenvolvimento científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”.

A busca através de levantamentos bibliográficos, em leis, artigos de internet, livros e revistas referentes, com a coleta de material que incentivou a pesquisa.

As informações foram coletas em etapas. Primeiro aconteceu o processo de observação à sala da EJA, foi realizado perguntas com os alunos e a professora regente.

Posteriormente, a realização de entrevista com a professora e alunos com perguntas semiestruturadas, buscando o baseamento conceitualmente, contratando com a pesquisa de campo.

A coleta por dados (coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com a professora e alunos em sala de aula) possibilitou a observação da realidade de aluno-professor-educação-dificuldade. Desta maneira, em formato conceitual crítico e gráficos, foram atingidos os resultados da pesquisa, que não tem intenção de acabar o assunto, mas de estimular a novos questionamentos.

4.2. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM SEGUNDO PLANO

Diante a observação e perante o relato dos alunos e da professora percebe-se que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) necessita bastante da visão das políticas públicas e da revisão em várias questões para a superação das dificuldades enfrentadas.

A Educação de Jovens e Adultos tem sido colocada em segundo plano, e não como acréscimo da educação infantil ou regular não havendo a disponibilidade de materiais didáticos, a contribuição pedagógica, o estímulo político/administrativo.

Não procurasse olhar o aluno e suas experiências, a bagagem que traz através das histórias vivenciadas, o seu modo de pensar, necessitando apenas de lapidação. Isto é, precisa-se reconhecer o senso comum, transformar o currículo, os conteúdos que foge da vivencia desses.

Paulo Freire (1996, p.77) colabora quando expõe que:

Há perguntas a serem insistentemente por todos nós e que nos fazem ver a impossibilidade de estudar por estudar. De estudar descomprometidamente como se misteriosamente, de repente, nada tivéssemos que ver com o mundo, um lá fora e distante mundo, alheado de nós e nós dele.

Quando fala-se em alterações percebe-se um temor, uma apreensão incontida, um impedimento resistente por parte administrativa, que exige, mas disponibiliza poucas condições para que a EJA tenha a característica que necessita

e almeja, a tantos anos, conforme mencionado na síntese histórica demorou a acontecer, mas vem engatinhando. Diante disso e por crer que a EJA possui deficiências de ordem política e ainda mais, originadas dos próprios educandos é que a problemática desta pesquisa desenvolveu entre os alunos, professora e a sala de aula.

Através da entrevista com os alunos foi visível o interesse e a vontade que grande parte dos alunos tem em aprender a ler e a escrever, possuindo uma grande preocupação em poder contar seu dinheiro, saber manusear cálculos com a calculadora, ler a bíblia, compreender a bula de uma medicação. Poucas arriscam a dizer que continuariam os estudos, “fazer o ginásio”.

No gráfico a seguir a demonstração da busca dos educandos através do processo de aprendizagem:

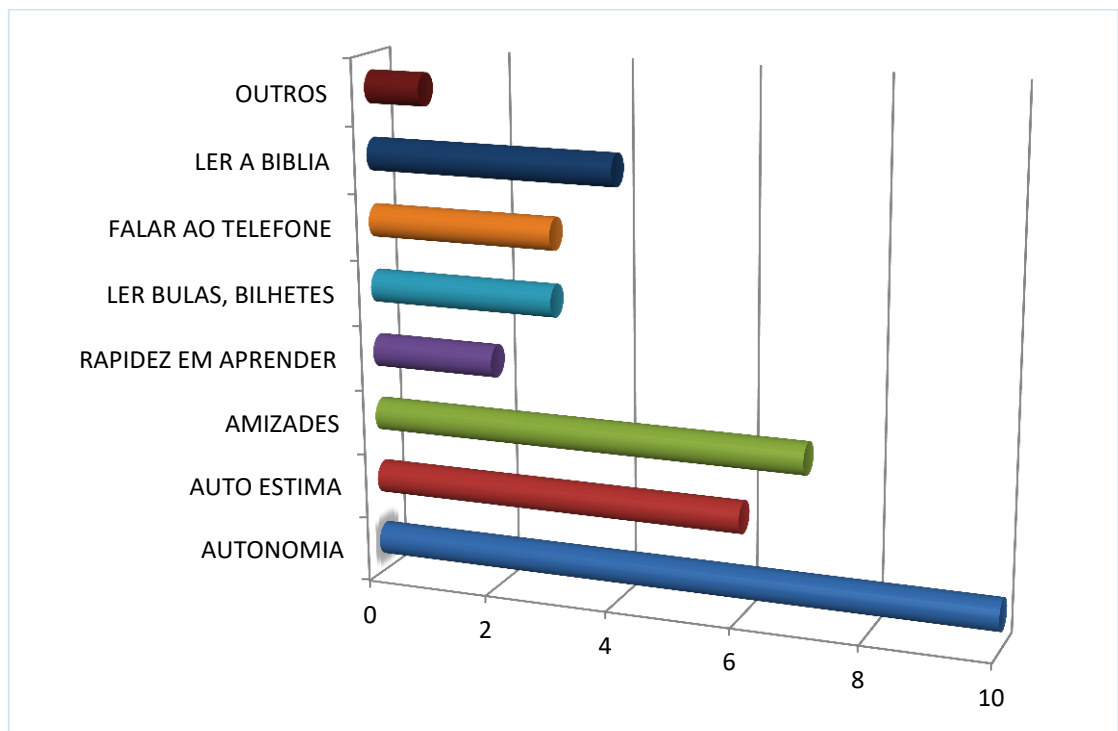


GRAFICO 1: Referente ao que busca os alunos da EJA

Fonte: Dados coletados pela pesquisadora no período de Outubro de 2017

As dificuldades enfrentadas pelos alunos da EJA no período escolar são várias, o cansaço enfrentado por muitos por trabalharem durante o dia, e ao

chegarem à noite na sala de aula esgotados, outros expõem problemas de saúde, como a baixa visão, baixa audição, dificuldades motoras, mas a preocupação maior está em se sentir bem, a sala de aula observada é composta na sua maioria por idosos, que ressaltam a vergonha que sentem por esta frequentando a escola depois de adultos.

Werneck (1999, p.23) apropria-se quando ressalta que “Muitas vezes a escola se apresenta aos alunos como um pesado elefante. A primeira impressão deixada para o estudante é de alguma coisa impossível de ser ultrapassada. Poucos terão a alegria e certeza de poder enfrentar esse peso, mais próximo do desgosto do que felicidade!”

Uma das realidades observadas na sala de aula, é o peso que carrega a educação, quando na verdade deve-se transmitir de forma leve os critérios que contribuem na vida dos alunos, encorajando-os a não evasão, e levando-os a busca, ao aprender profissional, ou simplesmente ao se amar, sem se deixar enganar.

A volta de muitos ao meio escolar se dá pela grande vontade de conhecer as letras, poder escrever seu próprio nome, concluir as etapas escolares, de conseguir se localizar nas ruas da cidade.

Na entrevista realizada com a educadora foi perguntado qual a diferença entre lecionar nas modalidades regular infantil e na EJA e a professora relata quais as diferenças encontradas por ela:

“Ensinar criança, percebe-se que elas têm mais facilidade no aprendizado, porém não demonstra interesse. Os adultos buscam conhecimento, mas apresentam um grau maior de dificuldade na assimilação dos conteúdos. Ou seja, os adultos mantêm o interesse em aprender, só que são cabeças cansadas e isso acaba dificultando no processo de aprendizagem”.

Foi construído um gráfico com base nas entrevistas e observações que explica de forma mais clara as dificuldades dos alunos da EJA, comparando o grau de dificuldade de uma criança, um jovem e um adulto obtendo o seguinte resultado.

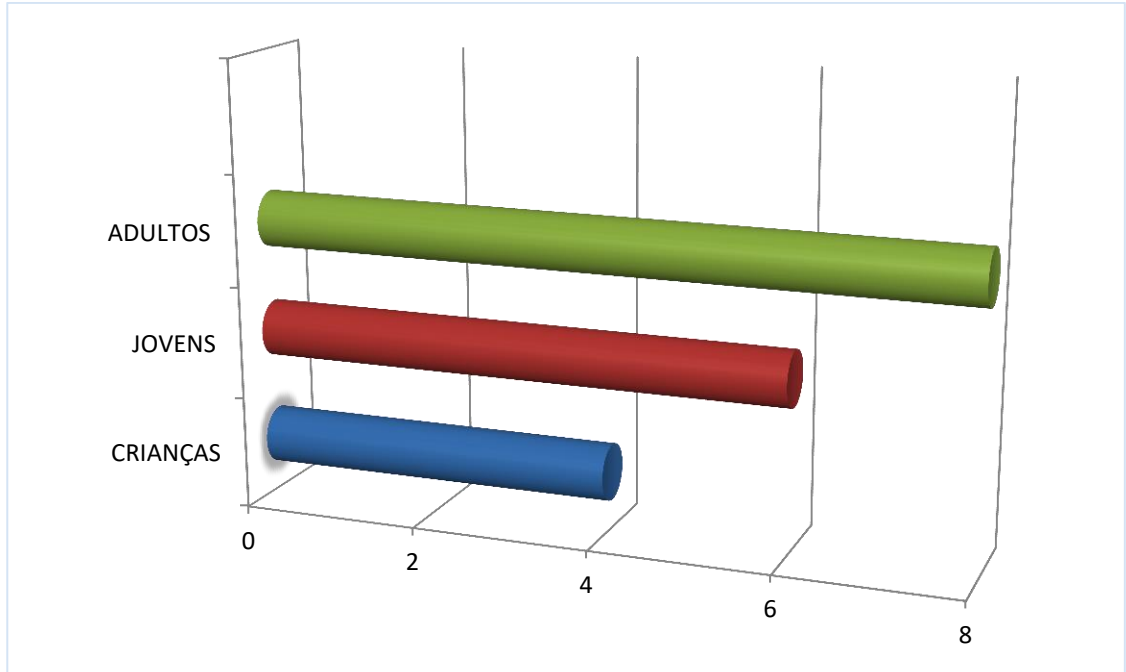


GRAFICO 2: Referente ao grau de dificuldades no processo de aprendizagem observado em crianças, jovens e adultos.

Fonte: Dados coletados pela pesquisadora no período de Outubro de 2017

A professora enfatizou que

“Lança assuntos polêmicos na sala, que envolvam política, ética, moral e faço com que eles pensem, reflitam sobre o que está sendo debatido, sem receio, sem cobranças, tendo apenas a intenção de formar seres pensantes e formadores de opinião”.

Desta forma, não se prendendo aos conteúdos, mais fazendo os compreender, discutir e refletir o que expressa Ferreira (1990):

A alfabetização enquanto aquisição da língua escrita, não é simplesmente um ato mecânico de decodificação do código escrito, mas ocorre numa construção do conhecimento que envolve questões de ordens diversas e exige uma postura crítica para que se concretize plenamente.

O educador deve ter consciência do seu papel transformador, no contexto escolar defendendo a qualidade de ensino e a modalidade que se propõe a ensinar, garantindo ao seu aluno uma educação de qualidade. O professor conhecendo o seu aluno como a sua realidade vai buscar trabalhar através de situações e necessidades pelos mesmos, possibilitando desta forma, o êxito no processo de

aprendizagem, observando na entrevista a preocupação da educadora em formar e levar aos alunos o que ela tem de melhor.

Na entrevista com a educadora percebeu a preocupação de fazer com que os alunos se localizem na sociedade, que entendam o mundo, buscando a ajuda através de apoio pedagógico, promovendo assim uma forma digna de sobrevivência.

Na entrevista foi abordado se o material de incentivo e apoio encontra-se de acordo com a metodologia de trabalho e necessidades para o processo de formação e ela afirmou claramente que o material fornecido é insatisfatório, “são materiais que não atendem as necessidades do aluno. É necessário material concreto e pedagógico”. Quando questionada a respeito da dificuldade enfrentada pelos adultos no processo de compreensão, leitura e escrita ela relata que o cansaço físico é um dos maiores problemas, “eles trabalham o dia inteiro (...) o corpo está ali, mas a mente já está planejando como será o dia seguinte”. O gráfico a seguir mostra as dificuldades enfrentadas por professores e alunos da EJA.

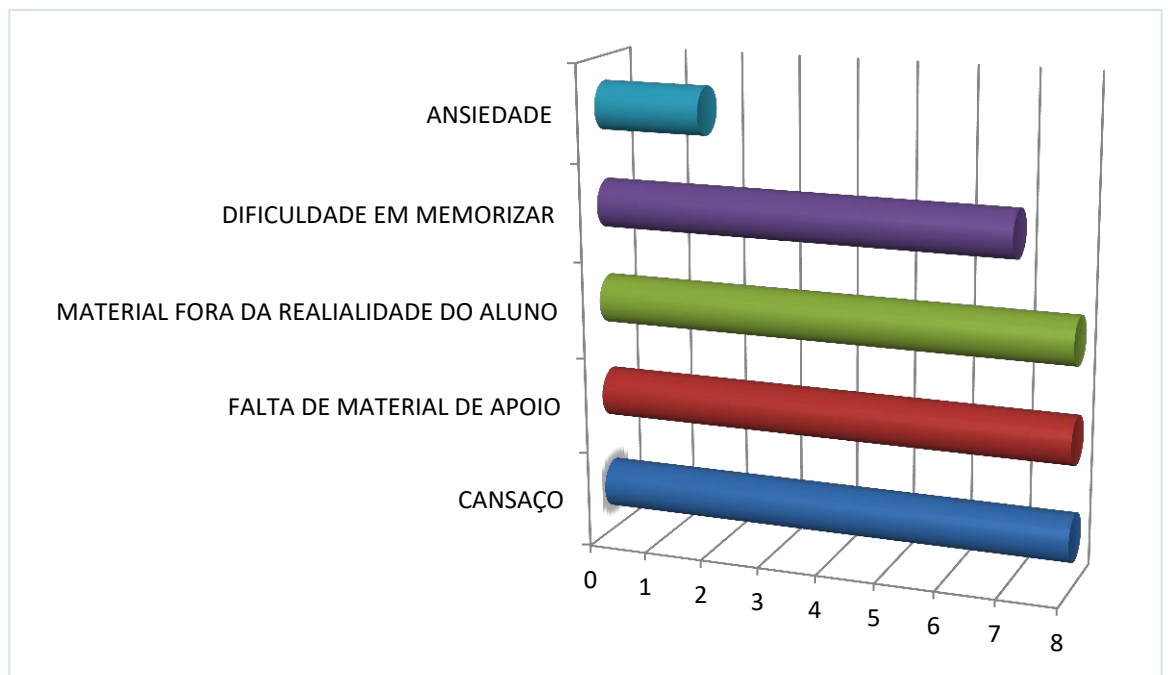


GRAFICO 3: Referente às dificuldades enfrentadas pelos professores e alunos da EJA.

Fonte: Dados coletados pela pesquisadora no período de Outubro de 2017

O que assegura Gadotti (2008, p.31):

Os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde alimentação, transporte, emprego, etc.) que estão na raiz do problema do analfabetismo. Para definir a especialidade de EJA, a escola não pode esquecer que o jovem e adulto analfabeto é fundamentalmente um trabalhador – às vezes em condição de subemprego ou mesmo desempregado...

De acordo com a professora a EJA proporciona vários benefícios aos alunos mas a satisfação de “aprender a escrever o seu próprio nome. A autonomia, independência, dar conta de sanar suas necessidades diárias” são as principais prioridades para se estudar e o incentivo de continuar. Ela ainda ressalta que contribui na autoestima, na comunicação, nos ciclos de amizades formados fora e dentro da sala de aula.

E o que Delors (2001, p.103) afirma, “ninguém pode pensar adquirir, na juventude, uma bagagem inicial de conhecimentos que lhe baste para toda a vida, porque a evolução rápida do mundo exige uma atualização contínua dos saberes”. Isto é, buscar, aprender sempre, cada um possui um objeto mais em comum tem um ainda maior, ser independente e autônomo.

Concluindo, quando questionada a respeito de sugestões para melhoramento no processo de aprendizagem da EJA para a formação do método de letramento e alfabetização dos alunos, pensa no social e sugere, “implantar oficinas e projetos que vão de encontro ao interesse da turma: música, dança, artesanato, entre outros”. Havendo uma separação das fases no processo de alfabetização para melhor aprendizagem dos alunos, acredita que “deveria ter um apoio e incentivo maior por parte familiar, escolar e administrativa”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho teve como principal propósito esclarecer o modo de ver e pensar referente as mudanças enfrentadas na Educação de Jovens e adultos, compreendendo as dificuldades enfrentadas nesta modalidade por parte do educador, possibilitando uma melhor condição de trabalho de forma produtiva e eficiente.

De forma, que a leitura e a escrita não sejam transmitidas tradicionalmente, nem seja o único processo de desenvolvimento realizado, que o processo de aprendizagem seja adaptado a realidade do aluno.

Na Educação de Jovens e Adultos, as discordâncias entre ensino regular são várias, seja desde a faixa etária, como as experiências vivenciadas, que originasse a necessidade de um método de ensino diferenciado.

Os alunos da EJA levam a escola, os estudos, o aprendizado a sério, enquanto os alunos do ensino infantil buscam o lúdico. Não que o lúdico não possa fazer parte da EJA, mas os objetivos dos adultos são diferentes dos das crianças.

O modo de se trabalhar pedagogicamente também é diferente, buscando acolher as experiências e respeitando suas dificuldades, os acolhendo e os incentivando de forma que não se desinteressem.

O retorno ou início dos alunos adultos a sala de aula, traz em sua volta o cansaço, a vergonha, desmotivação, preconceito, discriminação, doenças. E cada dificuldade dessa deve ser observada, motivada a superação para que não haja desistência, não sejam as responsáveis pela evasão e perda do interesse.

Atitudes inovadoras devem acontecer na educação, buscando a compreensão do aluno e suas dificuldades, observando suas histórias, as que apresentam no meio escolar como as que retiram dele.

Compreender as experiências, é mais simples alcançar o objetivo que é acrescentar seu conhecimento, não apenas decorar, mas estigar a interpretação, o senso crítico, o aprendizado dos educandos, tendo a autoestima como ponto negativo, sendo umas das dificuldades enfrentadas pela escola. Incentivando a sua autoconfiança, o acreditar em si, na sua competência de aprender e ensinar, uma vez que o educando ensina dia após dia o educador.

Possuir objetivos visíveis, expectativas, pensar no melhor em algo novo, no sucesso que deseja alcançar, contribuindo na formação de seres solidários, carinhoso, esperançosos, de forma que o conhecimento através das letras e números seja fácil, útil e prazeroso.

Trabalhar contra o processo de evasão escolar, para que amenize, com a desistência do alunado perderemos mais seres pensantes, que deixam o modo crítico e reflexivo, parando de contribuir nas comunidades a qual fazem parte.

Que os empecilhos como as famílias para cuidar, os a fazeres domésticos, a falta de visão e audição, o trabalho diário não sejam colabores do abandono nas salas de aula.

Mas que sejam o principal motivo na luta e busca de conhecimento e com o incentivo da administração pedagógica, trabalhando o profissionalismo e o emocional, possibilite o processo do aluno como seres humanos dignos e pensantes.

Merecedores de uma educação de qualidade, não levando em conta as necessidades, mas cientes e certos que uma vez adquiridos o bem do saber ninguém jamais poderá removê-los de si.

REFERÊNCIAS

BEISEGEL, Celso Rui. Estado e educação popular: um estudo sobre a educação de adultos. São Paulo: Pioneira, 1974.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Vademecum acadêmico de direito. 10. ed. São Paulo: Rideel, 2012;

BRASIL, Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB. Lei Darcy Ribeiro nº 9.394/96. Brasília-1998. Integral. Constituição de 1998. Brasília-DF.

CARVALHO, Marlene, Primeiras Letras: Alfabetização de Jovens e Adultos em espaços populares / Marlene Carvalho- 1. ed. São Paulo: Ática, 2010.

COLL, C. As práticas educativas dirigidas aos adultos: a educação permanente. In: _____ (org.). Psicologia da Educação. Porto Alegre: Artmed, 1999

DELORS, Jacques. Educação: um tesouro a descobrir. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

DEMO, Pedro. Educar pela pesquisa. 5. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002;

FAZENDA, Ivani. Interdisciplinaridade: qual o sentido? São Paulo: Paulus, 2003

FERREIRA, Maria José Vale. Princípios político-pedagógicos do MOVASP. São Paulo, MOVA-SP, Caderno nº. 2, Secretaria Municipal de Educação, abril de 1990.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. (orgs.). Educação de Jovens e Adultos: Teoria, Prática e Proposta. 10. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2008;

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1991.

GUNTHER HARTMUT. Psicologia: Teoria e Pesquisa: Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão. Artigo publicado em: Print version ISSN 0102-3772, Psic.: Teor. e Pesq. vol.22 n.2 Brasília May/Aug. 2006. Disponível em:

HADDAD, Sérgio e PIERRO, Maria Clara Di. Escolarização de Jovens e Adultos. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n.14, p.108-130, mai-ago. 2000.

HADDAD, Sérgio. Por uma nova cultura de educação de jovens e adultos: um balanço de experiências de poder local. In: HADDAD, Sérgio. et al. Novos Caminhos em Educação de Jovens e Adultos – EJA: um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras. 1ª ed. São Paulo: Global, 2007. p. 7-49.

<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-91980-25-novembro-1985-442685-publicacaooriginal-1-pe.html> acesso em: 22.03.2018

LOPES, Selva Paraguassu; SOUZA, Luzial Silva. EJA: uma educação possível ou mera utopia? CEREJA. 2010. Disponível em: Acesso em:20/03/2018;

MAMED, Jr., Walner. Educação de jovens e adultos: discutindo uma identidade. Guanacuns. Rev. da FECHA/FEA - Goiás, 01: 159-170, nov. 2004.

PAIVA, V. Educação popular e educação de adultos. São Paulo: Loyola 1973. v. 1. (Temas Brasileiros, 2).

PAIVA, Vanilda P. Educação popular e educação de adultos. 5.ed. São Paulo: Loyola, 1987.

PIERRO, Maria Clara Di. Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 92, p. 1115-1139, Especial - Out. 2005 1135. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 01 nov 2013.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. Histórias inéditas da educação popular: do sistema Paulo Freire aos IPMs da ditadura. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SCOZ, B. Psicopedagogia e realidade escolar, o problema escolar e de aprendizagem. Petrópolis: Vozes, 1994.

SILVA, Ceris Salete Ribas da. O processo de alfabetização no contexto de ensino fundamental de nove anos. Coleção explorando o ensino. 2010.

SILVA, Ezequiel Theodoro. O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 5ª ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

SOARES, Magda. A reinvenção da alfabetização. Revista presença pedagógica, V.9, n. 52. Jul/ago. 2003;

VALE, José Misael Ferreira do. Uma aposta no professor. In: KOBAYASHI, Maria do Carmo Monteiro. (org.). Educação de Jovens e adultos UNESP/ALFASOL: contextos e práticas. 1.ed. Bauru: Canal6, 2008. p. 13-57.

WERNECK, Hamilton. Se a boa escola é a que reprova, o bom hospital é o que mata. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

APÉNDICE

APÊNDICE A



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO – DEC
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA – ÁREA DE APROFUNDAMENTO EM
EDUCAÇÃO DO CAMPO

Questionário TCC

Este questionário faz parte do trabalho de conclusão de curso da discente **Ana Claudia Bulhões de Vasconcelos**. Que tem por tema: DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS UMA REFLEXÃO COM ALFABETIZADORES EM UMA ESCOLA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE SOBRADO/PB

Orientador: Prof. Ms. Luciano de Sousa Silva

Parte I: Perfil do Entrevistado: Educador

Sexo:

- Feminino
 Masculino

Faixa Etária:

- Entre 20 e 30 anos
 Entre 31 e 40 anos
 Entre 41 e 50 anos
 Acima de 51 anos

Estado Civil:

- Solteiro

- () Casado
- () União Estável
- () Divorciado/Separado
- () Viúvo

Parte II: Formação Profissional

Possui alguma Graduação? Se sim, qual?

Possui alguma Pós-graduação? Se sim, qual a área?

Há quanto tempo trabalha com Jovens e Adultos?

Já lecionou no ensino infantil e fundamental?

Parte III: Dificuldades da EJA

Quais as principais diferenças entre ensinar crianças e ensinar jovens e adultos?

Você sentiu dificuldades na procura por materiais de apoio e incentivo? Se quais?

Qual a maior dificuldade do adulto em aprender a ler e a escrever?

A Educação de Jovens e Adultos, em sua opinião, traz quais benefícios aos estudantes?

Teria sugestões ou considerações a fazer para melhorar o ensino da EJA? Quais?

APÊNDICE B



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO – DEC
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA – ÁREA DE APROFUNDAMENTO EM
EDUCAÇÃO DO CAMPO

Questionário TCC

Este questionário faz parte do trabalho de conclusão de curso da discente **Ana Claudia Bulhões de Vasconcelos**. Que tem por tema: DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS UMA REFLEXÃO COM ALFABETIZADORES EM UMA ESCOLA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE SOBRADO/PB

Orientador: Prof. Ms. Luciano de Sousa Silva

Parte I: Perfil do Entrevistado: Educando

Sexo:

- () Feminino
() Masculino

Faixa Etária:

- () Menores de 18 anos
() Entre 19 e 30 anos
() Entre 31 e 40 anos
() Entre 41 e 50 anos
() Acima de 51 anos

Estado Civil:

- () Solteiro
- () Casado
- () União Estável
- () Divorciado/Separado
- () Viúvo

Parte II: Dificuldades da EJA

Qual a maior dificuldade enfrentada pelos adultos ao retornarem à sala de aula?

Qual os objetivos que buscam os alunos da Educação de Jovens e Adultos?

Quais os motivos que contribuem ao retorno dos jovens e adultos a escola?
